

Resenha

Pela memória de seus antepassados: as mulheres-rabis e a religiosidade colonial

ASSIS, Ângelo Adriano Faria de. *Macabeias da Colônia: Criptojudaísmo Feminino na Bahia*. São Paulo: Alameda, 2012

ANA PAULA SENA GOMIDE

No ano de 1536 seria instalado em Portugal o Tribunal da Santa Inquisição, objetivando perseguir as mais diversas heresias, em especial, as relacionadas às práticas judaicas, buscando, portanto, evitar as faltas contra a fé católica. Milhares de judeus, ainda em 1496, foram batizados na religião católica e passariam, desde então, a comungarem da mesma fé do rei. Contudo, forçados a deixarem para trás o judaísmo, muitos destes neoconvertos mantiveram em segredo hábitos e costumes da crença judaica.

É dentro deste contexto da primeira geração de cristãos-novos que a obra *Macabeias da Colônia: Criptojudaísmo Feminino na Bahia* se insere. Resultado da tese de doutorado de Ângelo Adriano Faria de Assis, defendida pela Universidade Federal Fluminense em 2004 e publicada pela editora Alameda em 2012, o livro percorre a trajetória da família Antunes, cristãos-novos que buscaram em terras coloniais uma vida longe da perseguição inquisitorial, encontrando nesse espaço um ambiente possível para vivenciar as crenças judaicas.

Usando de uma ampla documentação, rica em detalhes, como as denúncias inquisitoriais e seus processos, o autor faz uma análise primorosa da primeira visitação do Santo Ofício à América portuguesa, entre 1591 a 1595, demonstrando, entre muitos aspectos, as complexas redes e estruturas existentes da sociedade colonial constituídas entre os cristãos-novos e cristãos-velhos. A visitação da Inquisição ao espaço colonial revelou uma sociedade heterogênea, marcada pelas experiências religiosas católicas e pelo sincretismo religioso, fruto do convívio entre cristãos, mouros e judeus.

Ao longo do texto, nos deparamos com um criptojudaísmo que encontrou na vida particular, entre as paredes das casas, o seu território de atuação. Judeus convertidos à força ao catolicismo mantiveram em segredo suas antigas práticas em ambiente doméstico, reservando ao espaço público suas devoções à fé católica.

Contudo, trata-se de uma privacidade restrita, compartilhada entre todos, cristãos novos e velhos, que viviam em um espaço relativamente livre. A busca por esta liberdade foi o que marcou, portanto, a vinda dos Antunes, e de muitos cristãos-novos, para a América portuguesa e que aqui encontraram o que já não era possível vivenciar em Portugal.

O patriarca da família, Heitor Antunes, assumiu um papel de destaque dentro da sociedade colonial com cargos de grande influência na economia açucareira e estabeleceu fortes relações sociais na região de Matoim no recôncavo baiano. Seus filhos fizeram bons casamentos com

as famílias ricas locais. Porém, o que o autor nos apresenta é que a tão sonhada ascensão social conquistada pelos Antunes foi abalada com a chegada da visitação do Santo Ofício em 1591. O medo causado pela presença inquisitorial acabou por fragilizar as relações sociais existentes, levando muitos cristãos-velhos a denunciarem práticas de criptojudáismo que tinham conhecimento pelos anos de convivência com os cristãos-novos ou que eram listadas nos éditos publicados pelo visitador Heitor Furtado de Mendonça.

Em uma época na qual o ato de ouvir por vezes importava mais do que o ato de ver, a vida dos Antunes, em especial da matriarca Ana Rodrigues, foi colocada na mesa do visitador. Considerada como protetora da religião de seus antepassados, Ana Rodrigues é um exemplo maior da tentativa que se tinha em manter, dentro do possível, acesa a luz da fé judaica em meio à intolerância religiosa e social que tanto marcou aquele tempo.

O caso de Ana Rodrigues é significativo, uma vez que é a segunda pessoa mais denunciada à Inquisição, sendo a primeira entre as mulheres. Entre as 23 acusações à figura de Ana Rodrigues, destacaram-se os hábitos de jejuar, viver em luto após a morte de seu marido e manter uma dieta restrita, evitando certos tipos de peixes e carnes. Costumes estes, que Ana Rodrigues passou para as próximas gerações – filhas e netas –, ensinando-lhes as práticas antigas de seus familiares judeus.

Ao colocar em destaque a figura da mulher na manutenção da antiga fé judaica entre os cristãos-novos, Ângelo Assis acaba por construir um diálogo com uma historiografia que buscou entender as mulheres como objetos e sujeitos históricos. A historiadora Rachel Soihet em *Domínios da História*¹, fez um apanhado dos diferentes campos de investigação histórica que tem na análise do gênero feminino sua maior preocupação.

Autora de *Ao Sul do Corpo* (São Paulo: UNESP, 2009) e organizadora do livro *Historia das Mulheres no Brasil* (São Paulo: Contexto, 2006), Mary Del Priore trás para a historiografia brasileira a importância de inserir a mulher como temática de estudo não só sobre questões voltadas ao universo feminino, mas para uma compreensão mais ampla da história do Brasil.²

Aos estudos que trataram as mulheres através da Inquisição encontramos nas obras de Laura de Mello e Souza e Luiz Mott importantes referências no assunto. Em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, a presença da análise da figura feminina se dá a partir do estudo das mulheres ditas feiticeiras que se tornaram alvos das visitas inquisitoriais à colônia. Já na obra de Luiz Mott, *Rosa Egípcia* (Rio de Janeiro: Bertrand, 1993), o historiador analisou a trajetória da visionária Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz no início do século XVIII que acabou por cair nas teias inquisitoriais pelo seu sincretismo religioso.³

Assim, além de ser um texto fundamental para aqueles que queiram se aventurar na pesquisa sobre cristãos-novos e sobre a presença do Santo Ofício na colônia, a contribuição de *Macabeias da Colônia* estende-se para pensar na formação da religiosidade colonial e o papel desempenhado pela figura feminina neste processo complexo e heterogêneo.

A obra de Ângelo Assis é, portanto, um convite para olharmos de perto essas macabeias, mulheres-rabis que assumiam para além do papel de mãe e donas do lar, a função de transmitir e ensinar para seus filhos e netos práticas religiosas do judaísmo, no objetivo maior de manter viva a memória de seus antepassados, mesmo que distante das crenças originais.

1 Ronaldo Vainfas e Ciro Flamarion Cardoso. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

2 Mary Del Priore. *Ao Sul do Corpo*. São Paulo: UNESP, 2009. Mari Del Priore (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

3 Laura de Mello e Souza. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Luiz Mott. *Rosa Egípcia*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.